

## A AFETIVIDADE E SEUS EFEITOS NA APRENDIZAGEM

Maria Simplício Nascimento.  
(Prefeitura Municipal de São Paulo- PMSP, [liasimplicio@bol.com.br](mailto:liasimplicio@bol.com.br))

### **Resumo:**

Este trabalho tem como objetivo relatar minha experiência de educadora em um Centro de Juventude da periferia do Estado de São Paulo, com o intuito de demonstrar a importância da afetividade nas relações de quem trabalha na educação, e o efeito dela na aprendizagem do aluno. Os relatos se deram com base em minhas vivências e os registros das atividades realizadas no centro de Juventude que comprovam que tanto a aprendizagem como as mudanças comportamentais dos alunos vieram a acontecer na medida em que os alunos sentiram se acolhidos, respeitados e valorizados como pessoa. Os estudos de Wallon sobre a afetividade muito contribuíram comprovando o quanto a afetividade pode influenciar positivamente na educação. Ao observar o diário de campo os registros mostravam mudança gradativa no comportamento e aprendizagem dos alunos na medida em que os professores conseguiam visualizar qualidades positivas neles e reconhecendo suas capacidades e potencial os encorajava a aprender. As situações de indisciplina, violência e agressividade, deram lugar a relações pautadas pelo respeito, ao interesse em participar das atividades na ONG e melhora em sua frequência escolar. Percebemos que houve também uma melhora na autoestima dos alunos capaz de trazer efeitos positivos em seu convívio na família e escola. Toda criança tem direito à educação, porém as condições oferecidas para essa finalidade ( poucos investimentos, excesso de alunos por sala de aula , pouca formação dos professores) dificultam a efetivação desse direito. A boa relação entre professor e aluno, com práticas educativas baseadas na afetividade pode ser um importante ingrediente para que ambos encontrem um novo sentido para as aulas, tornando o ambiente escolar agradável e propício ao convívio de todos, propiciando assim as condições para uma boa aprendizagem.

**Palavras-chave:** Afetividade; relacionamento; educação.

### **1. Introdução**

O presente trabalho busca refletir sobre a importância da afetividade para a educação, tendo como foco a relação professor aluno, elemento capaz de contribuir grandemente com a aprendizagem dos alunos garantindo sua presença na escola e interesse pelos estudos.

De acordo com a Constituição Federal, que em seu artigo 205 estabelece que “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) toda criança tem direito à educação.

O pleno desenvolvimento de uma criança não pode acontecer num ambiente em que não haja o respeito por sua pessoa, sua cultura, sua realidade e seu potencial.

## **Procedimentos Metodológicos**

Esse trabalho seguiu como curso metodológico a observação e registro das relações sócio afetivas e educacionais da unidade investigada. Também compreendeu essas observações registradas num diário de campo constantemente visitado.

O texto que segue tem como propósito elucidar esses encontros, memórias e diálogos tecidos por mim junto àquelas crianças e adolescentes com quem vivi, e que me afetaram positivamente de maneira muito significativa.

Em meu trajeto que antecede a essas experiências vivenciadas no Centro de Juventude tive por alguns anos atuação de Conselheira Tutelar dos Direitos da Criança e do Adolescente no município de Ferraz de Vasconcelos São Paulo, onde tive a oportunidade de observar algumas escolas, sem fazer parte de quadro de funcionários.

Trago portanto alguns comentários com base nas relações com as escolas e famílias atendidas no Conselho Tutelar, onde pude observar vários pais dando maior ênfase ao cumprimento da lei, por efetuarem a matrícula de seu filho na escola do que à verdadeira importância que a educação merece pelo que pode proporcionar ao indivíduo ao longo da vida.

Lembrando o que dizem alguns autores sobre educação, e observando a ação de educar no cotidiano de nossas escolas públicas brasileiras, seja ela na educação infantil, ensino fundamental ou médio me vem uma inquietação e até interrogação quanto ao tipo de educação a eles oferecida dentro das reais condições que se encontram boa parte dessas escolas.

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender e ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. (BRANDÃO, 1986, p. 7).

Para Durkheim (1968, p.51), a educação, ou seja, “a ação exercida pelas gerações adultas sobre as que não estão ainda maduras para a vida social”, tem como objetivo principal “suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos pela sociedade (...) e pelo meio a que pertence”.

A educação não acontece apenas no contexto escolar, e também não depende apenas da escola e de seus educadores, visto não estar isolada, pois pertence a uma comunidade, estado, país, e como tal sofre as influências de outros segmentos da sociedade. Do mesmo modo seu êxito ou fracasso está atrelado a vários outros fatores como ao sistema político de onde está inserida, bem

como às políticas educacionais de âmbito nacional, regional ou local que irão traçar as diretrizes para seu funcionamento.

Há uma diversidade de problemas enfrentados pelos profissionais da educação como: más condições de trabalho, falta de segurança nas escolas atitudes de violência presentes em alguns alunos, falta de recursos e de tempo para investir em sua formação, baixos salários, e número excessivo de alunos por sala de aula entre outros. Se observarmos as mudanças ocorridas na sociedade ao longo dos últimos anos vamos perceber que tanto na composição das famílias, como com a presença da mulher no mercado de trabalho, o acompanhamento da vida escolar do aluno por parte das famílias foi ficando cada vez menor.

Em minha trajetória profissional conheci várias escolas, durante os atendimentos do Conselho Tutelar, em ONGs ou na Prefeitura de São Paulo onde tive a oportunidade de observar que apesar de se encontrarem sob a mesma coordenadoria de ensino e fazendo parte do mesmo sistema educacional e político havia muitas diferenças entre elas, seja em sua estrutura física, na postura dos profissionais ou no trato com os alunos e suas famílias. Do mesmo modo observo hoje como educadora na EMEI onde trabalho, que as crianças apresentam diferenças gritantes em seu comportamento a depender das relações estabelecidas por cada educador com seus alunos. Sabemos que o ser humano é um ser social, e da influência do meio em que vivemos para nos constituirmos como pessoas, a escola é sem dúvida onde as crianças permanecem boa parte do seu dia e as relações ali estabelecidas podem marcá-las profundamente, e por toda a sua vida.

O meio é um complemento indispensável ao ser vivo. Ele deverá corresponder a suas necessidades e a suas aptidões sensório-motoras e, depois, psicomotoras... Não é menos verdadeiro que a sociedade coloca o homem em presença de novos recursos que aumentam possibilidades de evolução e diferenciação individual. A constituição biológica da criança, ao nascer não será a única lei do seu destino posterior. Seus efeitos podem ser amplamente transformados pelas circunstâncias de sua existência, da qual não se exclui sua possibilidade de escolha pessoal (WALLON, 1986, p. 168).

Henry Wallon nos apresenta o estudo do desenvolvimento considerando o sujeito com sua constituição genética e social a partir de estudos da criança no contexto de suas relações com o meio. Para Wallon a afetividade não se reduz apenas ao afeto no sentido de ser carinhoso com alguém, mas a tudo aquilo que nos afeta, sejam suas causas internas ou externas nos proporcionando sensações agradáveis ou desagradáveis. Enfatiza que as interações entre os indivíduos começam desde o início de nossas vidas, exemplificando que somos afetados pelo choro de um bebê, por sua fragilidade, e em consequência desse afeto tentamos compreender suas necessidades e atendê-la, garantindo assim sua sobrevivência.

Acredito que todo adulto juntamente com as lembranças de sua infância, carrega momentos marcantes que viveu na escola, colegas, professores, espaço físico e tudo o que fez parte dessa etapa de sua vida. Não guardamos tudo na memória, mas aquilo que nos causou muita alegria e o que foi extremamente ruim certamente ficou marcado.

Apesar de todos os problemas presentes no dia a dia das escolas é perceptível que quando o professor estabelece com o aluno uma relação de respeito, independente do quanto esse aluno possa ter comportamentos diferentes do que ele gostaria, nota-se uma reciprocidade por parte do aluno no que se refere ao respeito. O professor criativo, que sabe usar de sua autoridade sem ser autoritário, cria um ambiente agradável em sua sala de aula. Há até aqueles que sabem transformar os ingredientes resultantes dos afetos negativos (como a violência) que alguns trazem para a escola, em situações pedagógicas favoráveis, oferecendo-lhes condições de expressar seus sentimentos e emoções, traduzindo-os e lhe dando condições de superar os desafios de cada etapa de seu desenvolvimento.

A escola deve ajudar o aluno a conviver em sociedade, aceitando as regras, interagindo, aprendendo sobre sua cultura e desenvolvendo seu potencial de pessoa humana.

Para a realização desse relato de experiência, resgatei em minha memória as ações de um trabalho realizado por uma ONG na periferia do Estado de São Paulo, na qual dei minha contribuição como educadora voluntária por dois anos, e somei essas memórias à leitura do registro de atividades realizadas pelos outros educadores que fizeram parte desse trabalho no mesmo ano em que iniciei.

Nos caminhos metodológicos adotados estão presentes leitura de estudiosos da educação como a de Henry Wallon

Na observação dos registros foi possível perceber que houve muitas falhas nas ações educativas por várias causas, sendo talvez a falta de formação uma das principais, mas também é possível visualizar o crescimento gradativo do trabalho à medida em que aprendíamos com erros e retomávamos trilhando novos caminhos, sendo um deles o da afetividade.

Muito do que ensinei, e principalmente do que aprendi no convívio com as crianças e adolescentes durante a realização das atividades, passei a aplicar nas escolas por onde passei como educadora na Prefeitura de São Paulo e utilizo também na educação infantil, onde trabalho atualmente.

Vou iniciar o relato dessa experiência lembrando que foi lá que comecei a trilhar os primeiros passos nos caminhos da educação, e o quanto as experiências ali vivenciadas contribuíram com meu desenvolvimento profissional, quero também enfatizar a dialética do ensinar e aprender num movimento contínuo de partilha, troca e evolução tanto de quem aprende como de quem que ensina.

O Centro de Juventude, nome dado ao trabalho realizado pelo Serviço promocional Nossa Senhora Aparecida (ONG ) consistia no atendimento a crianças e adolescentes de sete a quatorze anos, em um espaço físico da comunidade católica. Lá se oferecia atividades esportivas, culturais, e de reforço escolar nos horários em que essas crianças não estavam na escola. O objetivo principal do trabalho era evitar que ficassem perambulando pelas ruas, ociosos e sem orientação dos adultos, e também incentivar seu retorno e permanência na escola por meio de orientação e atividades que lhes propiciasse um convívio social saudável a seu desenvolvimento.

No primeiro mês foram atendidas dez crianças, porém a pedido das escolas do entorno, ainda no primeiro semestre já atendíamos quarenta crianças, que eram agrupadas em três turmas, de acordo com sua faixa etária.

Devido à falta de recursos para o atendimento da demanda do bairro, a prioridade era para as crianças encaminhadas pelo Conselho Tutelar do município e pelas escolas, no entanto os voluntários que trabalhavam na pastoral social da igreja católica também nos encaminhavam crianças.

Além das dificuldades de acesso a atividades culturais e de lazer como parque, teatro, cinema, essas crianças também tinham seus direitos básicos violados, devido às condições precárias de alimentação, higiene, saúde e moradia. Moravam em ocupações com poucas condições de saneamento básico e enfrentavam sérios problemas financeiros e também familiares.

Os recursos destinados ao trabalho no Centro de Juventude também eram insuficientes para a compra dos materiais necessários, mas a dedicação dos educadores com quem trabalhei me ensinou que um dos maiores recursos pedagógicos trazemos dentro de nós, que é a criatividade, paciência, empenho e desejo de atingir os objetivos a que se propõe enquanto educador.

Havia um livro de registro de ocorrências, onde registrávamos os acontecimentos que não pertenciam à parte pedagógica e que estavam quase sempre relacionadas ao mau comportamento dos alunos. Atitude agressiva e violenta era comum acontecer entre eles no meio de uma atividade esportiva ou brincadeira, de modo que algumas crianças tinham mais registros de outros tipos de ocorrências do que registro de atividades realizadas.

Por muitas vezes acompanhei a diretora do Centro em visita às escolas para se informar quando a presença dos alunos visto ser a participação nas aulas uma das regras impostas para continuarem no Centro de Juventude. As visitas eram semanais devido ao grande número de crianças e por meio das informações recebidas na escola conseguíamos avaliar o progresso da criança.

Nessas visitas sempre me incomodava a maneira com que os professores das escolas se referiam aos adolescentes que atendíamos, com termos pejorativos ou em tom irônico dando a entender que nosso trabalho era um desperdício porque aquele menino realmente “não tinha mais jeito”.

Recordo-me de olhares de desprezo ao se referir a algumas crianças e de frases extremamente preconceituosas, atribuindo a ela a total responsabilidade pela falta de interesse pelos estudos. Penso que esse desprezo transparecia em suas relações com o aluno, gerando reciprocidade do mesmo para com a professora. Lembro-me de uma professora dizendo “Ensinar eu ensino, aprende quem quer quem não quer não tem problema, é só não me atrapalhar”. Com esse pensamento ficava explícito que seu objetivo de ensinar se reduzia aos que demonstravam interesse. Enfim os afetos negativos geravam desinteresse por parte do aluno, que por não encontrar sentido na aula ocupava-se com ações improdutivas e inadequadas à aprendizagem como conversar durante as explicações da professora, amassar papel e jogar nos colegas, cantar e batucar na mesa incomodando a todos, acentuando assim os sentimentos de desprezo nutridos por ela.

Confesso que o trabalho era desafiador, e que muitas vezes fiquei desanimada e quase fui “contaminada” pelas falas negativas repetidas tantas vezes pelas professoras das escolas, e que a respeito de algumas crianças às vezes me perguntava “Será que ele realmente é um caso perdido? Que realmente não tem jeito? A resposta veio apenas depois de mais de um ano no trabalho com eles quando comparávamos suas atividades iniciais e seu comportamento anterior com o recente, ou quando em reunião com os pais ouvíamos sobre as mudanças positivas que apresentava em casa.

As pessoas que faziam parte do trabalho tinham uma grande preocupação e zelo por ele. Morávamos no mesmo bairro e nos víamos em outras situações como na igreja ou no mercado e tínhamos uma boa relação entre nós educadores, o que tornava o convívio agradável durante o trabalho e conseguíamos conversar sobre as crianças, partilhando nossos anseios e angústias.

Lembrando novamente dos estudos de Wallon, penso que era essa afetividade o que a princípio me motivou a fazer parte do trabalho. Ao longo do tempo fui estabelecendo vínculos

afetivos também com as crianças e a partir de então fui batalhando para oferecer o melhor de mim como educadora.

Era interessante perceber que a transformação dessas crianças demorou muito para surtir efeitos na escola, sendo que tinham atitudes contraditórias ao que relatávamos aos professores sobre seu comportamento e interesse pelas atividades realizadas no Centro de Juventude. O livro de registro das ocorrências passou a ser utilizado cada vez menos com situações de brigas entre eles, sendo observado um aumento na produção das atividades.

Observei também que com o crescimento do trabalho e aumento do número de crianças os conflitos duravam o tempo suficiente para que os novos integrantes do grupo se adaptassem às regras e fossem de fato aceitos pelos que já estavam. Havia um sentimento de solidariedade entre os educadores, que sempre se ajudavam nos momentos de conflito. Tal sentimento acabou sendo absorvido posteriormente pelas crianças. Nas atividades de reforço escolar percebíamos que quem já estava alfabetizado ajudava os demais, e que poder ajudar, contribuir e ser reconhecido por isso lhe trazia muita alegria e gosto por participar do Centro de Juventude.

Nas visitas à escola após aproximadamente um ano de trabalho, alguns professores afirmavam ter notado mudanças no comportamento das crianças e em sua aprendizagem, outros diziam ainda que parecia que não estávamos falando sobre a mesma criança tamanha era a diferença de comportamento da mesma criança quando estava no projeto se comparado com a escola. Ficava para mim uma interrogação, porque progrediram tanto em um trabalho, aparentemente com tão poucas condições (financeiras) e demoraram tanto pra ter o mesmo progresso na escola?

### **Algumas Considerações**

Apesar de o trabalho no Centro de Juventude ter sido realizado com a maioria dos profissionais sem muita formação acadêmica, apesar da escassez de material, das dificuldades por conta do pouco espaço físico e tantas outras dificuldades, o trabalho progrediu, e tem hoje vários desses problemas sanados.

Muitas crianças tiveram uma evolução incrível, outras progrediram pouco nas aprendizagens escolares, porém mudaram radicalmente seu comportamento em todos os ambientes (Centro de Juventude, escola, família). Os efeitos do trabalho foram posteriormente percebidos e reconhecidos pela escola e pela comunidade.

Os educadores em sua maioria passaram a se preocupar mais com sua formação profissional no intuito de melhorar a qualidade do trabalho oferecido. Havia uma preocupação por

parte deles em manter o projeto funcionando, pois sabiam da importância de tal trabalho para a comunidade.

No início contávamos com um número muito pequeno de profissionais remunerados e ocorria que nem todos os voluntários permaneciam por muito tempo, visto serem muitos os desafios enfrentados no dia a dia do Centro de Juventude, os que persistiam, no entanto, eram movidos pela necessidade de transformar a vida daquelas crianças e acredito que a convivência, as dores e alegrias compartilhadas fortaleciam os laços afetivos entre todas as pessoas envolvidas

Diante do exposto onde foi possível visualizar tantos progressos, transformação e aprendizagens em meio a condições de trabalho tão precárias, penso que a continuidade do trabalho e seus resultados apenas foram possíveis devido à dedicação de todos os que fizeram parte do trabalho, e não dá para negar a importância da relação da afetividade com o desenvolvimento geral dessas crianças.

Ouvindo das próprias pessoas atendidas (hoje adultos) que não sabem como seriam suas vidas se não tivessem sido acolhidos naquele trabalho percebo que valeu a pena cada esforço dedicado ao projeto.

Meu desejo é que esse trabalho desperte o interesse de outros profissionais e pesquisadores acerca do tema, gerando reflexões quanto à importância da afetividade para uma melhora significativa na aprendizagem das crianças.





## Referências

BRANDÃO, C. Rodrigues. **O que é a educação**. São Paulo: Abril Cultura; Brasiliense, 1985

BRASIL. Constituição [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal. 1988.

DURKHEIM, Émile., **Educação e Sociologia**. São Paulo, Melhoramentos, 1978.

WALLON, H. (1941-1995). **A evolução psicológica da criança**. Lisboa, Edições 70.